

A UNIVERSIDADE BRASILEIRA QUE GRADUA EM TRADUÇÃO SERIA UMA TRADUTARIA?¹

Cláudia Pungartnik²
Zelina Beato³

Recebido em 5/09/2017. Aprovado em 30/10/2017.

Resumo: Os Estudos da Tradução ao tratarem teoricamente da tradução, do original e do perfil de tradutor que emerge dessas reflexões e metodologias, têm necessariamente implicações que refletem na formação do tradutor. Esta pesquisa investigou o tratamento dicotômico dado às disciplinas teóricas e práticas constantes nos currículos de graduação em Tradução em 09 universidades brasileiras, e buscou refletir sobre o papel secundário destinado às disciplinas teóricas para a formação do tradutor. O resultado encontrado apontou um perfil de universidade que busca preparar o tradutor para responder às expectativas do mercado de trabalho. Como resultado dessa reflexão, podemos pensar na formação do tradutor como de um jovem aprendiz em uma alfaiataria, a tradução vista como processo sistematizado e a instituição conceberia o tradutor como um aprendiz que deve bem manipular instrumentos, exercendo seu ofício artesanal. Como em uma *tradutaria*, o tradutor deve ser treinado até que se torne espontâneo, natural, impecável como uma peça de arte. Dada a complexidade dos processos tradutórios que emergem das reflexões teóricas, a formação do tradutor deve levar em conta a tradução a partir das conexões que podem ser estabelecidas entre teoria e prática e o tradutor levado a refletir sobre sua prática, mais consciente do seu papel ético e de sua responsabilidade autoral.

Palavras-chave: Graduação em tradução. Currículo. Formação de tradutores.

¹ Este trabalho é parte dos resultados da dissertação de mestrado intitulada *A relação teoria e prática na formação do tradutor em universidades brasileiras*, defendida em 2015 junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações, da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), com bolsa Capes.

² Mestre em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professora colaboradora pedagógica do Projeto de Extensão Dinamizando a Língua Inglesa UESC-English. Aluna de pós-graduação *lato sensu* de Produção de Mídias para Educação Online da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

³ Doutora em Linguística Aplicada – Tradução pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pós-Doutora pela Katholieke Universiteit Leuven, KU Leuven, Bélgica, com bolsa Capes. Professora titular do Departamento de Línguas e Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), onde atua como membro permanente do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações.

Introdução

Este artigo é o relato de uma pesquisa que se propôs a analisar a formação de tradutores em nove universidades brasileiras. Foram analisadas grades curriculares e ementas de disciplinas, entre outros documentos, disponíveis nas páginas dos cursos de bacharelado em tradução. A análise desse material é reveladora em dois aspectos: dela podemos traçar o perfil geral dos tradutores profissionais formados pelas universidades brasileiras e a matriz conceitual que orienta o desenho desses cursos. Não queremos aqui apresentar um perfil homogêneo, nem dos profissionais da tradução, menos ainda dos cursos que os formam. A análise vai de fato apresentar um cenário quantitativo e uma análise qualitativa do que esses números nos permitem concluir.

Na análise, concluímos que o espaço institucional da tradução é consagrado à reflexão e ao treinamento prático do tradutor de forma a fornecer mão de obra qualificada que atenda às demandas do mercado. Essa dupla função aponta que a dualidade teoria e prática, presentes na reflexão sobre tradução, orienta também a matriz curricular dos cursos de tradução, refletindo inevitavelmente na formação do tradutor. Assim, o perfil do tradutor formado pelas universidades brasileiras é reflexo de uma grade curricular com disciplinas que buscam de um lado a reflexão teórica sobre a tarefa de traduzir e, de outro, a preparação técnica para esse trabalho prático.

O perfil do tradutor que emerge da academia está, portanto, sob a influência dessa relação dicotômica entre teoria e prática, revelada pela forma como as disciplinas estão organizadas e na maneira como (não) se relacionam nas grades curriculares. A composição curricular contribui para uma separação, na maior parte das vezes, estanque entre elas. Essas disciplinas podem, grosso modo, ser classificadas em disciplinas informativas, que reúnem conhecimento dos mais diversos campos do saber, e disciplinas práticas, que permitem ao aprendiz contato prático com a tarefa de traduzir.

Além dos aspectos curriculares, a história da inserção da tradução na academia também reflete o modelo conceitual que sempre orientou a reflexão e a formação profissional dos tradutores. Esse modelo se sustenta na separação entre as dimensões teórica e prática. É preciso levar em consideração que os primeiros grandes tradutores brasileiros eram práticos da tradução e não passaram por um treinamento acadêmico.

Eram, em sua maioria, intelectuais que exerciam oficialmente outras profissões: escritores e poetas como Manuel Bandeira, Machado de Assis, Mario Quintana, Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade ou, médicos ou advogados, como Haroldo e Augusto de Campos. Apesar de não terem recebido formação acadêmica específica no campo da tradução, esses tradutores são reconhecidos como grandes nomes da história da tradução (MILTON, 2010).

Traduzir, portanto, não requeria nenhum treinamento específico. Dentro dessa perspectiva, é possível compreender que a concepção que leva ao entendimento do que seria treinamento profissional do tradutor está ligada principalmente ao que se entende por traduzir. Há, basicamente, duas possibilidades de avaliar o que faz um tradutor. Uma perspectiva mais tradicionalista entende a tradução como trabalho técnico que tem no horizonte alguma forma de fidelidade. Nesse horizonte, o que se busca é transposição de significados orientados por uma necessidade de fidelidade, ao conteúdo, à estrutura linguística, aos aspectos culturais etc. Em outra perspectiva, no campo do que se convencionou chamar de pós-estruturalista, o texto original é considerado matéria instável, aberta à disseminação e à interpretação de sentidos e o trabalho do tradutor é visto como autoral, cujos sentidos foram construídos no trabalho de negociação entre o tradutor leitor e o texto que traduz.

Na concepção de tradutor que emerge do currículo das universidades, misturam-se duas forças antagônicas: ora encontramos o tradutor comprometido com a fidelidade ao texto e ao autor do original; ora vislumbramos o profissional da tradução mais autônomo para recriar o texto em sua língua de chegada. Esse perfil de tradutor desenha-se a partir de uma concepção de tradução e de um viés pelo qual ela é abordada: linguístico, textual, estruturalista, filosófico, pós-colonialista ou pós-estruturalista. Viés que depende em especial do próprio professor, na medida em que, segundo Leila Darin (2006), é ele quem estabelece critérios de abordagem a partir das fontes e referências que indica. A partir de uma análise que leva em consideração essas duas perspectivas, distintas e não excludentes, essa pesquisa buscou empreender uma reflexão sobre a relação entre a teoria e a prática na organização das disciplinas dos cursos de tradução.

O *corpus* de análise foi composto por informações coletadas de cursos de graduação em Letras com habilitação em tradução e dos bacharelados de tradução. O

estudo buscou apontar de que forma as disciplinas se dividem entre teóricas e práticas dentro dos programas de Tradução em universidades brasileiras e constatou que há lugares distintamente separados na grade curricular para as disciplinas que se dedicam à teoria e disciplinas que produzem o contato com a prática. A dinâmica observada na matriz curricular da maioria dos cursos estudados reforça a ideia de que teoria e prática são campos distintos e não instâncias interdependentes, sob as quais essas disciplinas poderiam estar claramente articuladas.

A análise do corpus aqui apresentada foi produzida através de um inventário das disciplinas, ementas e outros documentos que orientaram um estudo comparativo entre as universidades. A pesquisa apontou a mesma dicotomia teoria *versus* prática que resistiu aos vinte anos que nos separam do estudo de Quental (1995), que também analisou a relação teoria e prática nos cursos de tradução nas universidades brasileiras. Ainda assim, foi possível perceber uma tendência recente, mas ainda tímida, na tentativa de produzir uma implicação mais significativa entre a reflexão teórica sobre tradução e as aulas ditas práticas.

As perspectivas para a análise

A análise dos documentos das universidades buscou delinear um perfil acadêmico que emerge das matrizes curriculares. Ribeiro (2014) lembra que essas matrizes refletem os processos complexos que envolvem a produção de saber inseridos na instituição por disciplinas curriculares. Seguindo regras da política internacional, os conteúdos ensinados no ambiente acadêmico estão delimitados pelos discursos presentes no currículo. Estes por sua vez, definem e delimitam condutas, atribuindo papéis e conteúdos, reorganizando e modificando regras e estabelecendo parâmetros para a instituição de ensino.

O currículo, considerado como discurso para além da visão tradicional de uma lista de conteúdos disciplinares, delimita o campo no qual as verdades podem ser ditas, de forma indissociável, as tensões de poder/saber. Segundo Foucault (1971, p. 11), existe uma percepção que nos permite analisar as práticas discursivas, cuja sistemática estabelece “normas e elaboração de conceitos e teorias” que participam de “um jogo de prescrições que determinam exclusão e escolhas”. Assim, as relações de poder que se estabelecem dentro do currículo, são as mesmas com as quais podemos observar as disciplinas. O

discurso em si contém procedimentos de classificação, ordenação e distribuição, pois é tomado como instrumento de controle. Do mesmo modo, uma disciplina compreende “um princípio de controle da produção do discurso”, na qual está fixo “o limite pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma ritualização permanente das regras” (FOUCAULT, 1971, p. 36).

A partir do olhar do pesquisador, as disciplinas oferecem pistas de um jogo de significações prévias, da existência de uma regularidade, de uma organização tal, cujas fronteiras conferem uma condição comum, uma lógica em suas tendências à homogeneização. O recorte feito pela pesquisa entende o discurso na perspectiva de Foucault, que retrata a realidade como fruto da linguagem viva e vibrante do discurso e na observação das disciplinas em sua natureza dupla de poder e saber, atribuídas a regimes de “verdade” convertidos em discursos científicos regulamentados. Assim, nas disciplinas delimitam-se os conceitos orientadores das concepções que orientam a formação dos aprendizes.

O desenho dos currículos observados permitiu analisar de que forma foram concebidos. A partir de uma concepção mecanicista, em que a técnica é privilegiada, o importante seriam disciplinas que viessem instrumentalizar o tradutor de forma a produzir traduções aceitáveis, uma vez dominadas estratégias e técnicas tradutórias. Por outro lado, a partir de um ideal criativo e autoral, o currículo refletirá a expectativa de que o tradutor também seja autônomo e produza soluções criativas que resolvam os impasses da língua. Assim, as disciplinas carregam em sua descrição, nas suas ementas e bibliografias, os ideais e propostas que serão consideradas fundamentais na formação do aprendiz.

Em um levantamento feito em 2004, a pesquisadora Heloísa Barbosa constatou que havia 67 bacharelados em tradução no Brasil. Devido à dificuldade em recolher as informações sobre todos os cursos de tradução, foram escolhidas as universidades que têm material curricular acessível em seus sites oficiais e a análise ficou assim restrita aos dados disponíveis oficialmente nas páginas das universidades. Para uma análise abrangente e confiável, seria necessário reunir o maior número de informações acessíveis sobre as disciplinas, as ementas, os programas, seus objetivos e bibliografias, o perfil do egresso e do projeto pedagógico de cada curso e, nesse sentido, nem todas foram objeto de análise. Outro critério para escolha das universidades seria a notória relevância no meio

acadêmico, em termos de tradição, pesquisa e preparação para o mercado. No universo da análise, as universidades públicas são maioria, e apenas uma é privada, a PUC-RJ⁴, por ter sido o primeiro curso de graduação em tradução do Brasil, e por, tradicionalmente, desenvolver importantes pesquisas na área da tradução. Foram escolhidas, então, nove instituições que cobrem o que de mais significativo aparece na formação acadêmica dos tradutores, por estarem envolvidas com a graduação, a pós-graduação, a pesquisa e a publicação de periódicos consolidados na área.

A seguir, a lista das universidades pesquisadas.

Quadro 1 Lista de universidades e cursos pesquisados de bacharelado em tradução.

ESTADO	INSTITUIÇÃO	NOME	UNIDADE ACADÊMICA	NO
Distrito Federal	UnB ⁵ (Universidade de Brasília)	Curso de Letras-tradução	Departamento de Línguas Estrangeiras e tradução (LET)	1986
Minas Gerais	UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto)	Letras Bacharelado em tradução	Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS)	1987
Minas Gerais	UFU (Universidade Federal de Uberlândia)	Bacharelado em tradução	Instituto de Letras e Linguística (ILEEL)	2010
Minas Gerais	UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora)	Bacharelado em Letras – tradução	Faculdade de Letras (FALE)	2009
Paraíba	UFPB (Universidade Federal da Paraíba)	Bacharelado em tradução	Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM)	2009
Paraná	UEM (Universidade Estadual de Maringá)	Bacharelado em Inglês e Português com ênfase em Estudos da tradução	Departamento de Letras	1991
Paraná	UFPR (Universidade Federal do Paraná)	Bacharelado em Estudos da tradução	Departamento de Letras	1998
Rio de Janeiro	PUC-RJ (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)	Curso de Letras – tradução	Departamento de Letras	1978
Rio Grande do Sul	UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)	Bacharelado em Letras – tradução	Instituto de Letras (IL)	1973

⁴ As universidades pesquisadas são consagradas e por isso serão tratadas aqui por suas siglas e não por seus nomes completos.

⁵ Doravante, serão utilizadas siglas das universidades para citá-las.

Outras informações sobre as universidades e seus currículos foram obtidas a partir de publicações das pesquisadoras Heloísa Barbosa, Leila Darin, Cristina Carneiro Rodrigues e Rafaela Quental. Também foram obtidas informações no livro de Andreia Guerini, Marie-Hélène Catherine Torres e Walter Costa, *Os estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI*, de 2013, que apresentou um histórico das instituições pioneiras e do desenvolvimento da disciplina.

Os currículos dos cursos de bacharelado em tradução, de forma geral, têm a fundamentação humanística dos Cursos de Letras e, segundo a professora Arlete Vieira da Silva (2007), a lógica que predominou no século XX era a formação baseada na concepção epistemológica da racionalidade técnica. Esse posicionamento coloca teoria e prática em lugares distintos e promove uma relação hierárquica de subordinação das práticas em relação às teóricas. Há uma visão coletiva de que as disciplinas teóricas apresentam soluções para os problemas encontrados na prática, promovendo uma normatização para os currículos, e de que prática é subsequente aplicação dos princípios estudados na teoria.

A base da análise dos currículos se pautou pela diferença de abordagem oferecida pelas disciplinas, classificadas como teóricas, práticas ou teórico-práticas. Nessa perspectiva, e para os fins a que se propôs essa pesquisa, a disciplina teórica não seria aquela de caráter tradicional com foco nos estudos das correntes teóricas e da história da tradução, mas aquela que trata de questões relacionadas aos Estudos da tradução em seu questionamento teórico sobre o caráter da tarefa tradutória. Numa disciplina considerada teórica, o aluno é levado a fazer uma reflexão crítica a respeito das teorias da tradução e como essas teorias repercutem na prática. Nessa concepção de disciplina teórica, a ementa aponta para as propostas de “estudar”, “refletir” e “contextualizar”, entre outras, que convidem o aluno a pensar sobre as questões conceituais da tradução. Segundo esse critério, a pergunta “O que é?” norteia a disciplina teórica.

Por outro lado, uma disciplina prática tem um caráter informativo e não somente prático, como sugere seu título. A disciplina prática seria aquela que instrumentaliza o aluno com conhecimentos e referências para que esteja apto para o bem-fazer. Tal disciplina poderia ser técnica ou informativa desde que pretenda esclarecer o aprendiz, isto é, instrumentalizar o futuro tradutor com conteúdo técnico cultural para que possa traduzir com competência (PYM, 2009). A disciplina prática pode ter um caráter linguístico ou

literário, ou pode ser aquela que trata da aprendizagem de línguas estrangeiras. Se a disciplina teórica se orienta por *o que é* a tradução, a prática se ocupa do *como* fazê-la. A disciplina teórico-prática, a seu turno, seria o espaço de reflexão em que teoria e prática não são fenômenos dicotômicos, mas complementares (RODRIGUES, 2004). Desse modo, a prática é conduzida à luz da reflexão teórica como lugar de questionamentos e reflexões, criando uma oportunidade ímpar para a construção do senso crítico do tradutor.

Com o intuito de analisar as relações teoria e prática nos currículos dos cursos de formação de tradutores, analisamos textos e tabelas informativos, disponibilizados *online* pelas universidades e elaborados para serem visualizados livremente por alunos e professores. Com base na terminologia comum utilizada na atividade de indexação, ficaram definidos os termos utilizados pelas universidades: *Ementa*, *Conteúdo programático*, *Súmula*, *Programa e Bibliografia*. Essa linguagem específica é também a que é utilizada pelos sistemas de informação para indexação das palavras-chave, o que permitiu ativar os mecanismos de busca para localizar documentos internos que pudessem conter informações extras que também auxiliassem a análise.

Muitas observações puderam ser inferidas a partir da definição de quais disciplinas seriam teóricas, práticas ou teórico-práticas. Os dados analisados das disciplinas assim divididas, além dos dados periféricos, traçam o perfil de cada universidade, buscando apresentar o vínculo que une teoria e prática.

Descrição geral das universidades e análise

Do universo de nove universidades escolhidas, foram realizadas as análises relativas à distribuição de disciplinas com suas respectivas cargas horárias e créditos, às ementas, às bibliografias, à estrutura das grades com a disposição das disciplinas e, ainda, quando disponível, ao projeto pedagógico e ao perfil do egresso. A análise levou em consideração os critérios descritos anteriormente e uma série de dados periféricos puderam ser quantificados e comparados, como quantidade de semestres, carga horária total ofertada e aspectos correlatos (Quadro 2).

Em uma primeira observação, o quadro 2 aponta para a pouca uniformidade nos cursos de tradução analisados. Entre os itens que apresentam maior disponibilidade de

dados, como o da carga horária para obtenção do título, as universidades têm como objetivo um número mínimo de 2.475 horas na UFJF e um máximo de 4.120 horas na UEM. Além da carga horária, o número de semestres também varia entre sete e dez.

Quadro 2 – Perfil curricular das universidades pesquisadas

Característica	UFRGS	UFU	UNB	UFJF	UFPR	UFOP	UFPB	UEM	PUC RJ
Número de semestres necessários para obtenção do título	8	7	9	8	10	8	8	8	7
Número de créditos total em disciplinas ofertadas	631	----	1590	----	----	----	312	----	----
Número de créditos de disciplinas necessárias para se formar	204	160	204	----	----	----	176	240	180
Carga horária total ofertada	8.935	3.540	----	----	----	----	3.240	----	----
Carga horária necessária para obtenção do título	3.030	2.480	---	2.475	2.700	2.610	2.640	4.120	----

O quadro 3 apresenta os números absolutos das disciplinas.

Quadro 3 – Perfil das disciplinas avaliadas nas universidades pesquisadas

Disciplinas	UFRGS	UFU	UNB	UFJF	UFPR	UFOP	UFPB	UEM	PUC-RJ
Práticas	35	19	26	23	29	65	26	42	17
Teóricas	0	5	1	2	1	3	2	3	3
Teórico-práticas	8	7	2	3	5	7	9	15	5
Total	43	31	29	28	35	75	37	60	25

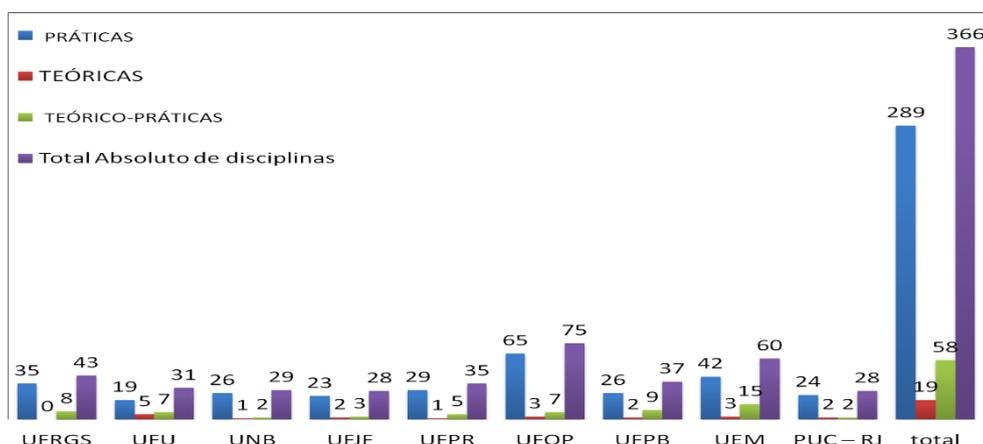
O quadro 3 aponta para uma distribuição heterogênea das disciplinas e uma disparidade no número daquelas consideradas neste estudo como práticas. Isso aponta para um perfil de universidade que entende que o curso de tradução deve atender às

necessidades do mercado e teria como objetivo treinar o tradutor para o ofício de traduzir. Nesse perfil, as disciplinas teóricas ocupam um espaço menor.

Como é possível constatar, foram analisadas nove (9) universidades e, como constata essa investigação, as disciplinas de teoria e de prática aparecem desarticuladas nos currículos dos cursos de tradução, apontando que a dicotomia teoria e prática está estabelecida na maioria das universidades, de modo forte na organização curricular em que se vê garantido grande espaço para a prática (Figura 1).

O gráfico a seguir apresenta a separação das disciplinas segundo critério estabelecido pela pesquisa. Como se vê, há um peso maior reservado às disciplinas práticas que somam 289 disciplinas dentre as 366 registradas pela pesquisa.

Figura 1: Quantidade de disciplinas teóricas, práticas e teórico-práticas em números absolutos, por universidade



A observação inicial aponta uma heterogeneidade nos cursos de graduação em tradução. Entre os itens que apresentam maior disponibilidade de dados, foi possível contabilizar as cargas horárias para obtenção do título de graduado em tradução, evidenciando grandes diferenças entre as universidades, cuja carga horária mínima varia de 2.475 horas na UFJF ao máximo de 4.120 horas na UEM. Com essas diferenças, o número de semestres também varia de sete, na UFU e na PUC-RJ, a dez da UFPR.

De modo geral, as universidades pesquisadas têm seu curso de tradução abrigado em cursos de letras; em grande parte com grades curriculares muito semelhantes e, em alguns casos, com mais de 80% do currículo igual ao da habilitação português/inglês,

como pode ser visto na UEM e na UFPR. Uma universidade em situação diferente é a UFPB, cujo Curso de Bacharelado em tradução foi criado em 2009, totalmente desvinculado do curso de Letras (DANTAS, 2013).

No que se refere à carga horária ofertada com disciplinas optativas/eletivas, a UFRGS oferece quase 9 mil horas/aula para alunos de tradução, enquanto a maioria das universidades oferece pouco mais do que 3.200 horas/aula – UFU e UFPB. A UFRGS oferece um número grande de disciplinas eletivas de caráter bastante específico: Biogeografia e Introdução à Arte. Outra universidade que se destaca pela oferta de disciplinas é a UNB, com 1590 créditos (dados não disponíveis em horas/aula).

Assim como na UFRGS e na UNB, o grande número de disciplinas específicas oferecido pela UFU pode indicar a tentativa de atender às demandas do mercado profissional da tradução. Isso vai ao encontro da perspectiva de Pym (1999) para quem o currículo da graduação deve contemplar Ensino, Linguística, Literatura Comparada, Estudos Culturais etc. A grande oferta e a extensa carga horária de disciplinas obrigatórias e eletivas parecem atender às diversas demandas da área da tradução pela criação de diversas disciplinas que compreendem as subáreas. Barbosa (2009) entende esse fenômeno como uma diversificação necessária, indispensável para a formação de um tradutor, que ela reconhece como tarefa nada fácil. Portanto, para atender às necessidades de um curso de tradução, o currículo deverá ser necessariamente diversificado e dar ênfase ao *como* fazer. Isso é desejável e não há aqui nenhuma crítica a esse cuidado na formação do tradutor.

O curso de tradução da UNB, criado em 1962, tem um perfil diferente do das demais no que se refere ao número de línguas oferecidas, pois oferece 15 habilitações possíveis em sua proposta curricular e cujo currículo não parece ter se modificado significativamente ao longo dos anos. Sua localização geográfica tem forte influência sobre a diversidade de línguas contempladas nos currículos. As 26 disciplinas práticas (P), em sua grande maioria, põem em foco o bem fazer, através de disciplinas focadas no treinamento, com caráter formativo-informativo. Isso é coerente e almejado, pois, segundo Pereira e Ridd (2013), a UNB busca oferecer para a cidade de Brasília tradutores que seriam “peças-chave” para embaixadas, organizações internacionais e setores governamentais.

Situação similar ocorre com a UFOP. As disciplinas preparam o tradutor para as demandas do mercado, ao “formar profissionais competentes para atuar nesse campo cada vez mais amplo” (UFOP, 2008). A ênfase na prática não contribui de forma eficaz para concretizar a proposta de seu projeto pedagógico, que defende que seu egresso seja capaz de “refletir teoricamente sobre sua atividade”. A análise dos currículos apontou para um peso maior dado às disciplinas práticas em relação às teóricas. A UFJF e a UFPR apresentam resultados parecidos dentro da abordagem e do recorte dessa pesquisa.

O curso de tradução da PUC-RJ tem foco no mercado de trabalho, assim como visto na UNB e UFOP. Há uma proposta de que a universidade prepare o tradutor para atender a vários segmentos da sociedade e para lidar com a complexidade do campo de trabalho. Foram analisadas 28 disciplinas, dentre as quais 24 foram classificadas como práticas (P), 2 como teóricas (T) e 2 como teórico-práticas (TP). Sobre a dupla necessidade do currículo, o professor Álvaro Faleiros (USP), ao responder a uma pesquisa para dissertação de mestrado sobre o ensino da tradução, observa que “a formação [...] comporta um duplo desafio: 1) produzir traduções comentadas cujos objetivos não são necessariamente o grande mercado (até porque a tradução literária atende a outros objetivos que não os interesses do mercado, entretanto, é importante mantermos em mente que a tradução, em sua abordagem mais básica, gira em torno de questões de língua); 2) instrumentalizar tradutores para que possam ser absorvidos pelo mercado (COSTA, 2013) Isso reforça uma aparente falta de articulação entre a teoria ao supor que produzir traduções comentadas não interessa ao mercado de trabalho ou não interessa à formação do tradutor. A proposta da graduação de envolver os alunos com as questões práticas da tradução difere da proposta da pós-graduação que carrega a tradição teórica do curso em relação aos Estudos da tradução.

Entretanto, foi possível observar pequenas mudanças nas universidades UFPB, UEM e UFU. A criação pioneira de um bacharelado em tradução independente cabe à UFPB em 2009, que criou a graduação em tradução desvinculada do curso de Letras. Ao traçar o perfil do egresso, deu ênfase ao aprendizado crítico que busca refletir sobre a linguagem e a relação do profissional tradutor com as necessidades da sociedade (DANTAS, 2013). O Curso de Bacharelado em tradução possui uma carga horária total de 2640 horas/aula ou 176 créditos. São 108 créditos de conteúdos básicos profissionais, que,

em porcentagem, significa 61,4% das disciplinas, e 68 créditos ou 38,6% de disciplinas de conteúdos complementares.

Foram analisadas 37 disciplinas, sendo 26 práticas (P), 2 teóricas (T) e 9 teórico-práticas (TP). A UFPB tem uma abordagem teórica expressiva. A reflexão em torno do que se chamam Estudos da tradução está presente em 1/3 das disciplinas analisadas. Em seu projeto pedagógico, explica-se isso como envolvendo o pesquisador, promovendo o reconhecimento dos modelos teóricos e da “reflexão sobre a importância da linguagem na socialização humana, revendo os conceitos de “competência” e “habilidade”, no que eles remetem para o individualismo e cumprimento técnico de determinadas tarefas” (UFPB, 2009).

Na UEM, foram analisadas 60 disciplinas entre obrigatórias e optativas. Dessas, foram consideradas 42 (práticas), 03 (teóricas) e 15 (teórico-práticas). As disciplinas teórico-práticas (TP) trazem para o curso de graduação uma perspectiva que está além da relação dicotômica entre teoria e prática. Na disciplina *Oficina de leitura e de produção textual* a ementa propõe “a prática de leitura e da produção de textos a partir de uma abordagem enunciativa”. Ao mesmo tempo em que inclui atividades práticas, a disciplina propõe uma reflexão que compreende o texto como uma “máquina de significados em potencial”, pois deixa de ser a representação “fiel de um objeto estável que possa existir fora do labirinto infinito da linguagem” (ARROJO, 1992). Na UEM há uma tendência ao entrosamento entre teoria e prática de forma que o aluno contemple, de acordo com Darin (1998, p. 421) “a visão que o tradutor tem de sua tarefa como crítico/ leitor/autor de um texto”, refletindo assim “uma determinada ‘teoria’ da tradução”. Um perfil similar pôde ser observado na UFU.

Na UFU foram analisadas 31 disciplinas obrigatórias da grade curricular. Foram categorizadas em 19 disciplinas práticas (P), 5 teóricas (T) e 7 teórico-práticas (TP). A universidade possui um grande material disponível publicado e por isso foram observados vários aspectos que influenciaram na decisão para a classificação das disciplinas: ementas, objetivos, programas e bibliografias, além do projeto pedagógico. Esses números foram considerados apesar da divisão institucionalizada das disciplinas teóricas e práticas da carga horária. As disciplinas apresentam uma separação que explicita um espaço específico para teoria, em sua grande maioria.

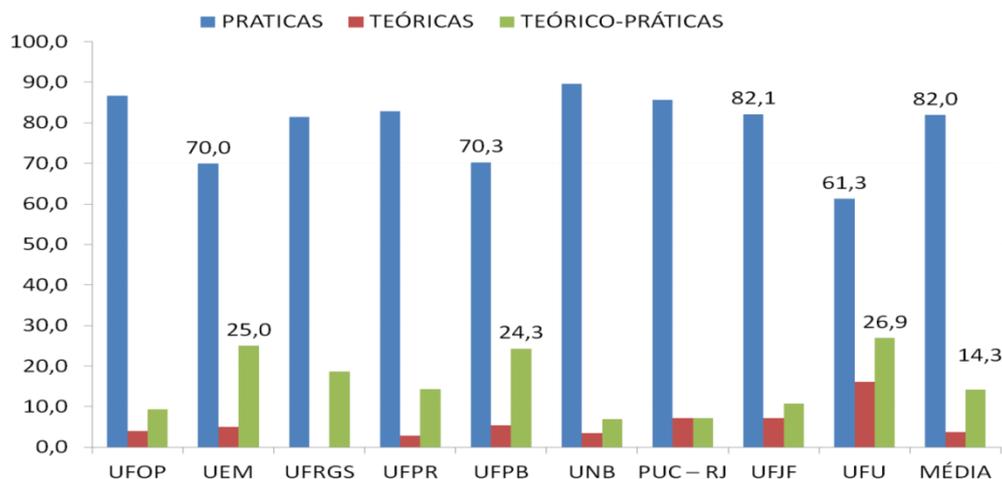
A título de ilustração, uma das disciplinas que possui parâmetros teórico-práticos (TP), *tradução comentada* (GTR006) tem como objetivo “iniciar o aluno a uma reflexão sobre a natureza da operação tradutória” através de análise comparativa entre original e textos traduzidos, desde que, segundo sua ementa, sejam particularizados os problemas ligados à “diversidade dos universos de referência” e seja considerada a “diversidade dos comportamentos tradutórios” (UFU, 2014). Outra disciplina *Tipos e gêneros textuais* (GTR008) tem entre seus objetivos “estudar”, “discutir” e “examinar [...] categorias de texto, tipologia textual, ensino de língua” e tem componentes teóricos e práticos preocupados, conforme seu programa, com “o que é; como se estabelece; objetivos e cuidados na aplicação e interpretação” (UFU, 2014). Essas disciplinas, conforme os critérios estabelecidos, apresentam um perfil teórico-prático, portanto classificadas como teórico-prática (TP).

As universidades, de modo geral, concebem a formação do tradutor com foco no treinamento técnico. Sua boa habilidade tradutória é diretamente proporcional ao bom treinamento que recebe, em forma de conhecimento que acumula. Treinamento que pode ser testado e posto em prática, por exemplo, conhecendo os “mecanismos de tradução” (ARROJO, 1992) e cujas habilidades podem ser aprendidas e repetidas até que sejam internalizadas e prontas a serem postas em prática quando necessárias. O tradutor que emerge de tal curso de tradução corre o risco de permanecer no nível do tradutor marcado pela percepção de que teoria não é necessária e nem está relacionada com sua prática.

Universidades como a UFRGS, UNB, UFJF e UFOP têm esse traço comum, com ênfase maior nas disciplinas que classificamos como práticas, marcadas pelo *como fazer*. A tendência aqui encontrada na maioria das universidades repete o mesmo cenário encontrado por Quental em seu estudo de 1995, que já registrava a grande distância entre as disciplinas teóricas e as práticas. A instituição universitária atualizou suas disciplinas na medida em que incorporou novas tecnologias e novas fontes de pesquisa, como forma de tornar o trabalho tradutório mais fácil e ágil para o tradutor. Essa abordagem contrasta com uma pequena tendência encontrada em três das universidades, UFU, UFPB e UEM, de buscar relacionar teoria e prática em várias de suas disciplinas. Nessas universidades, as disciplinas consideradas teórico-práticas, se somadas às disciplinas puramente teóricas, representam aproximadamente um terço do total das disciplinas.

No gráfico abaixo, é possível observar um perfil diferente das universidades UFU, UFPB e UEM, quando comparadas com as outras universidades pesquisadas.

Figura 2: Perfil das disciplinas avaliadas nas universidades pesquisadas, em porcentagem



O comprometimento intrínseco entre teoria e prática não pode ser descartado e, segundo Rodrigues (2004, p. 82), será necessário “reservar, na formação do aluno, um espaço para a reflexão”, de modo relacional e não dicotômico. Para Ottoni (1997, p. 128), “[...] um questionamento dessa dicotomia no interior das reflexões sobre a tradução poderá precisar melhor também a possibilidade de um ensino da tradução diferenciado do tradicional”. A sugestão de Ottoni condiz com o perfil percebido pela UEM, que apresenta uma tendência à interligação de teoria e prática em seu currículo. Há 15 disciplinas teórico-práticas (TP), um índice de 25% da quantidade total de disciplinas. Esse dado permite observar que as disciplinas teórico-práticas têm um papel significativo na construção do currículo de curso. Isso pode ser entendido como uma abordagem mais abrangente que busca incorporar ao como fazer os questionamentos tão importantes com relação à natureza da tarefa do tradutor. Pensar as implicações práticas a partir da reflexão teórica contribui para o perfil de um tradutor capaz de analisar crítica e eticamente o seu próprio trabalho.

As universidades pesquisadas mantêm um perfil com maior ênfase nas disciplinas classificadas como práticas (P) em 79%. A análise apontou que em média apenas 15,8% das disciplinas pesquisadas foram consideradas como teórico-práticas (TP) e 5,2% teóricas

(T). Esse número significa que, de um total de 366 disciplinas analisadas, 289 disciplinas foram classificadas como práticas (P). Assim, daquele total de 366, apenas 19 puderam ser classificadas como teóricas (T) e 58 como teórico-práticas (TP).

Figura 3: Números absolutos em um universo de 366 disciplinas avaliadas

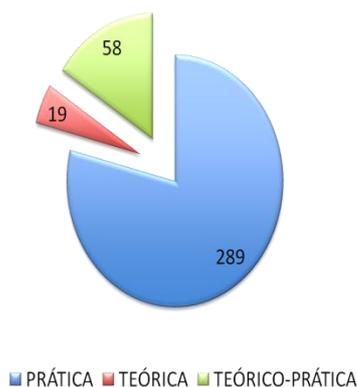
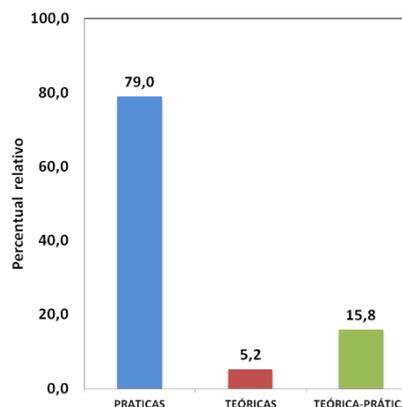


Figura 4: Disciplinas avaliadas quanto ao perfil (percentual relativo ao total)



Conclusão

A noção do que seja a tradução e toda a rede de concepções que a ela podem se ligar apontam para a complexidade do tema, uma vez que nessa rede está incluída a noção de língua. As muitas abordagens e os diferentes paradigmas lidam com questões cruciais em torno do que seria fidelidade ou traduzibilidade. Essas abordagens muitas vezes dialogam umas com as outras, por vezes de forma complementar e, por vezes conflitante. Essas abordagens, consagradas pela história da tradução, revelam invariavelmente o perfil de tradutor que as orienta, ora servil e ora criativo, ora técnico e ora intelectual. As percepções desse perfil de tradutor refletem uma visão do que seja a tradução que, por consequência imediata, estarão refletidas na concepção de formação pela qual deve passar aquele tradutor.

Esse estudo percebe, grosso modo, a orientação em duas grandes correntes teóricas do pensamento nos Estudos da tradução: de um lado, a tradução vista como fidelidade aos significados estáveis que habitam um original pré-instituído cujos sentidos esperam ser

descobertos; por outro lado, a tradução vista como transformação e o tradutor visto como produtor de significados, em que o texto e seus sentidos não são terreno firme eivado de garantias. Essas concepções de tradução e o perfil com elas coerente estão refletidos no currículo das universidades que, em sua maioria, se mostraram fincados numa visão de tradução como tarefa altamente técnica e no perfil do tradutor como aquele que opera o trabalho de substituição das palavras. Quase 80% das disciplinas analisadas são eminentemente práticas e supõem proporcionar ao aprendiz um contato direto com as línguas, com novas tecnologias, com dados enciclopédicos e ferramentas técnicas como suporte ao seu trabalho do tradutor.

As disciplinas práticas têm de fato grande importância em um bacharelado, a começar pela própria diversidade de possibilidades que a área da tradução representa. De um total de 366 disciplinas analisadas, apenas 77 disciplinas foram consideradas teóricas e teórico-práticas, indicando que apenas uma em cada cinco disciplinas, de modo geral, tratam da teorização sobre tradução. Estão incluídas, nesse percentual, disciplinas como História da tradução e Teoria da tradução, limitadas a 50 h/aula, em média. Por sua natureza abrangente e pouco específica, já indicada no título, não podemos afirmar que vão além do contato breve com a história e as diferentes correntes sobre tradução, sem de fato, conhecer as implicações práticas abertas por cada abordagem teórica. Mesmo aquelas propostas pedagógicas e currículos que advogam necessidade de levar o tradutor à reflexão teórica, na maioria dos casos, a articulação entre os Estudos da tradução e a prática de traduzir não parece levar o aprendiz a observar que toda prática tem atrás de si uma concepção de tradução que a orienta. No modo reverso, toda concepção do que seja o papel da tradução terá reflexos indeléveis na maneira como o tradutor desenvolve seu trabalho e no resultado final que vai produzir. O aparente engessamento do currículo não impede, entretanto, que o professor produza reflexões com seus alunos, porém a distância que no currículo separa teoria e prática poderá produzir uma alienação em relação à implicação inescapável entre pensar a natureza da tarefa tradutória e o trabalho efetivo de traduzir.

Apesar de ser possível observar modificações curriculares desde o trabalho de Quental (1995), a maioria dos currículos que formam tradutores no Brasil ainda não estabeleceu um comprometimento efetivo entre teoria e prática. O currículo dos cursos de formação de tradutor da maioria das universidades ainda se estrutura considerando a disciplina de teoria de tradução como o momento de contato com a história do pensamento

teórico sobre tradução, e as aulas práticas como momento para, de fato, produzir traduções e aprender o que fazer diante dos inúmeros problemas com os quais poderá ser convocado a lidar.

A baixa de articulação entre teoria e prática pode levar a conceber o trabalho do tradutor como eminentemente técnico. Nesse caso, faz sentido expor o aprendiz de tradução a uma série interminável de situações hipotéticas, de forma a prepará-lo para lidar com a complexidade de sua tarefa. Como um aprendiz de alfaiate, o tradutor deve aprender a manipular instrumentos, produzir seu trabalho com exatidão, caprichar nos detalhes repetidos à exaustão, até que consiga fazer seu trabalho de forma competente e autônoma. Por sua vez, na universidade, como numa alfaiataria, a aprendizagem se dá pelo treinamento exaustivo, como ofício automático, artesanal, sistematizado, até que se torne espontâneo, natural, impecável como uma peça de arte. A alfaiataria, como lugar do treinamento, como lugar de atividade que talha um profissional, se assemelharia à universidade que produz um tradutor impecável nos procedimentos técnicos da tradução, mas alienado das implicações teóricas que orbitam sua tarefa de maneira fantasmática e da responsabilidade intelectual de suas escolhas. Uma “tradutaria” privilegia o treinamento e o acúmulo de informações, numa cruzada pela capacitação de forma a atender o mercado cada vez mais premente. A “tradutaria” teria como objetivo munir o tradutor de conhecimentos, normas, convenções e sistematizações que deveriam garantir sua competência, a qualidade de seu trabalho e seu sucesso na tarefa de produzir traduções corretas.

As implicações teórico-práticas e suas relações com o perfil de tradutor que se quer formar deve orientar um currículo que concebe a atividade tradutória como um trabalho altamente intelectual, sujeito à tomada de decisões do tradutor, não exatamente por esse ou aquele procedimento, mas ciente de que suas escolhas implicam novas leituras, um novo texto, a disseminação de sentidos. As escolhas tradutórias produzirão sempre uma diferença que se, por vezes, pode soar empobrecedora, por vezes pode enriquecer o texto de chegada. Ao dar-lhe um sopro de vida para além de sua língua de partida, dá-lhe também muitas vezes soluções criativas que só a língua de chegada permite. Um currículo que compromete teoria e prática tem mais chance de produzir um tradutor que compreende e preserva as marcas da estrangeiridade (BERMAN, 2002; SCHLEIERMACHER, 2001),

que compreende e preserva seu direito a escolhas que, se não são aleatórias, podem sim ser criativas, no limite do que permite o texto e a representação que dele fará.

Nesse sentido, a tradução é vista não como um apagamento das diferenças, mas como reposição das diferenças (MESCHONNIC, 1999) e nesse processo o tradutor é mais que um técnico, mas um protagonista decisivo. É o tradutor que opta por ser visível ou não (VENUTI, 2002) para uma tradução como *transformação* das línguas envolvidas (DERRIDA, 1975) cujas semelhanças e diferenças se apresentam em um momento de confronto entre línguas para alimentá-las (OTTONI, 1997).

Para essa pesquisa, o ponto de partida sugerido para reflexão foi a abordagem dicotômica de teoria e prática na formação do tradutor. O professor de um curso de bacharelado em tradução, seja ele responsável por uma disciplina prática ou uma teórica, poderá sempre apontar questões que envolvem o comprometimento sempre presente entre teoria e prática e, dessa forma, despertar no aluno a percepção de quais são as forças que atuam no processo tradutório, quais teorias estão subjacentes a essa ou àquela prática, a uma ou outra decisão tradutória. Da mesma forma, a coordenação articulada das duas estaria diretamente ligada à própria concepção que o professor tem de tradução, e

[...] é evidente, portanto, a necessidade de o educador estar informado sobre estudos, tendências e práticas para procurar fazer relações e fomentar o diálogo entre diversos aspectos do conhecimento. Sem a consciência de suas próprias concepções e contradições, o professor poderá corroborar estereótipos ou apresentar um quadro confuso e pouco elaborado da área e da profissão. (DARIN, 1998, p. 1610).

Levar o estudante a compreender a relação entre teoria e prática é, portanto, uma tarefa premente do professor, que deve sempre manter isso em mente quando concebe suas aulas. Apesar de constatar a existência de uma possível relação dicotômica nos currículos e ementas de disciplinas dos cursos de formação de tradutor, é preciso sempre trabalhar para garantir mais espaço à discussão teórica na graduação, com disciplinas práticas articuladas com a reflexão, de forma a levar o aluno a pensar sobre seu papel e sobre as muitas implicações políticas do traduzir. É preciso observar e discutir conceitos, teorias, abordagens e crenças sobre tradução e tradutores no momento mesmo em que se está a traduzir. A lógica da dicotomia teoria e prática pode, então, vir a ser o ponto de partida para alunos e professores refletirem sobre seu papel de lidar com o fazer do tradutor e o

que se fala sobre tradução, ou seja, sobre o próprio discurso teórico (DARIN, 1998). Cabe ao professor ser o facilitador na interlocução entre as possíveis fronteiras pré-estabelecidas pelo currículo na busca por conexões desejáveis entre prática e teoria.

REFERÊNCIAS

ARROJO, Rosemary (Org.). **O signo desconstruído**: implicações para a tradução, a leitura e o ensino. Campinas/SP: Pontes, 1992.

_____. A formação do tradutor/intérprete e sua inserção no mercado. In: IX ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES E III ENCONTRO INTERNACIONAL DE TRADUTORES, Fortaleza, 2004. Trabalho apresentado na mesa-redonda sobre o tema Perspectivas para o Ensino da Tradução.

BARBOSA, Heloísa. Caminhos e descaminhos dos estudos da tradução e interpretação no Brasil. **Revista Trama**, v. 5, n. 9, p. 27-47, 2009.

BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**. Trad. Maria E. Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.

COSTA, Patrícia R. **Do ensino de tradução literária**. 2013. 305f. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras. Universidade de Brasília. Brasília, DF.

DANTAS, Maria P. Os estudos da tradução na Universidade Federal da Paraíba: pela criação de um polo de referência cultural. In: GUERINI, Andréia (Org.). **Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI**. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. p. 135-152.

DARIN, Leila. C. M. O Ensino da Tradução em Nível Universitário: Indagações e Propostas. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 3, p. 419-428, 1998.

DARIN, Leila. A articulação entre subsídios teóricos e a prática da tradução: implicações para a formação do tradutor. **Revista Filologia**, 2006. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_494.pdf>. Acesso em: 12 set. 2017.

DERRIDA, Jacques. **Posições**. Trad. Maria Margarida Correia Calvente Barahona. Lisboa: Plátano Editora, 1975.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 1971.

GUERINI, Andreia; TORRES, Marie Hélène C.; COSTA, Walter C. (Org.). **Os Estudos da tradução no Brasil nos séculos XX e XXI**. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.

MESCHONNIC, Henri. **Poétique du traduire**. Paris: Verdier, 1999.

MILTON, John.; MARTINS, M. Apresentação: contribuições para uma historiografia da tradução. **Tradução em Revista**, v. 1, p. 01-10, 2010.

OTTONI, Paulo. R. O papel da linguística e a relação teoria e prática no ensino da tradução. **TradTerm**, v. 4, n. 1, p. 125-139, 1997.

PEREIRA, Germana H.; RIDD, Mark D. Os estudos da tradução na Universidade de Brasília: graduação e pós-graduação. Em: Andréia Guerini (Org.). **Os Estudos da Tradução no Brasil nos séculos XX e XXI**. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013

PYM, Anthony. Why translation studies should learn to be homeless. IN: MARTINS, Marcia A. P. (Org.). **Tradução e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro, RJ: Lucerna, 1999. p. 35-51.

_____. **Exploring translation theories**. Routledge, 2009.

QUENTAL, Rafaela. A dicotomia tradicional teoria/prática no ensino de tradução. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 26, jan.-jul., p. 37-48, 1995.

RIBEIRO, Nilsa. B. De objetos de ensino a imagens do aluno de letras: a relação entre teoria e prática. **Letras & Letras**, v. 29, n. 2, p. 1-15, 2014.

RODRIGUES, Cristina. C. O ensino da tradução: entre a possibilidade e a necessidade translation training: between the possibility and the necessity. **Estudos Linguísticos XXXIII**, p.79-83, 2004.

SCHLEIERMACHER, F. Sobre os diferentes métodos de tradução. In: HEIDERMAN, W. (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Florianópolis: UFSC, Núcleo de Tradução, 2001. Antologia bilíngue, alemão-português. v. 1, p. 26-87.

SILVA, Arlete. V. Estágio curricular supervisionado no curso de licenciatura: momentos de vivência da profissão professor nas escolas de educação básica. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 73, 2007. Disponível em:
<<http://www.espacoacademico.com.br/073/73silva.htm>> Acesso em: 03 fev. 2015.

VENUTI, Laurence. **Escândalos da tradução: por uma ética da diferença**. Tradução Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

THE UNIVERSITIES OF TRANSLATION IN BRAZIL [ARE THEY TRADUTARIAS?]

Abstract: Translation studies have enriched the way we see the translator's work and inspired new ideas and methodologies which attempt to meet the new demands involving

translation teaching and training. This research aimed to investigate the dichotomy of theory and practice within the undergraduate curricula of Translation programs in Brazilian universities. This polarization reflects the secondary role played by the theoretical courses and how this influences the education of the translator. We found a profile preparing the future translator for a mechanical job meeting the market expectations. These institutions conceive the translator as an apprentice who needs for training and must manipulate instruments well, working as if the text were a handmade craft. Like a tailor's work, translation would be a systematic process until its repetition became spontaneous and precise, immaculate as a piece of art. For this conservative perspective, the university would be a tradutaria (translation shop), a place for developing and manufacturing a product. Nevertheless, in a few universities, there is a profile that emerges from an education linking theory and practice that has the prospective to lead translators to reflect on their practice and to be aware of their ethical role and their authorial responsibility.

Keywords: Graduation in Translation. Syllabus. Translator's training.